Considerações Finais

Como observamos a cidade de Nova Friburgo está localizada na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro e possui cerca de 200.000 habitantes, uma indústria diversificada, tendo como as mais notáveis a moda íntima e a metalurgia, colonizada por Suíços e Alemães, hoje a cidade é um centro regional de serviços, também possui turismo e agricultura como setores econômicos. Porém, a moda íntima é um dos setores mais relevantes, se não o mais importante e mais desenvolvido, sendo o maior centro produtor de lingerie do Brasil, o que faz a cidade receber altos investimentos para se especializar na produção de moda íntima fitness.

Quando viajamos pela estrada que cruza a Serra do Mar, RJ-116, que liga Nova Friburgo à região metropolitana do Rio de Janeiro, observa-se múltiplas paisagens, tradição e modernidade, representações do espaço, como estabelece Lefebvre (2006), estão ao redor, criando uma imagem e agregando um valor ao espaço, que por inúmeras apropriações torna-se mercadoria e urbano. Signos e símbolos que são apropriados e viram agregados de valor; as paisagens, o bucólico, as montanhas, a floresta, as cachoeiras, o ar alpestre, a venda da cidade, o sensual e o erótico visto nas propagandas de mulheres que vendem o corpo, as casas típicas dos colonizadores alemães, suíços e austríacos, a qualidade de vida, entre várias outras particularidades adquirem valor de troca e tornam-se mercadoria pelo interesse dos agentes dominantes, principalmente a burguesia, a tradicional aristocracia e o Estado, que dialeticamente defende o interesse das classes dominantes.

Símbolos da modernização se espalham pela cidade, e a modernidade tem em sua essência a questão da mundialização, que é em si, econômica, política, cultural e social, o capitalismo se adaptando e penetrando nos espaços transformando-os de acordo com seus objetivos. Vimos que após a crise de capitalista de viés keynesianista, as teorias de desenvolvimento local tomaram conta do cenário científico. Elas trazem consigo o discurso da comunidade, dos talentos humanos, das relações de reciprocidade, cooperação, sustentabilidade, governança local, como alguns dos fatores que trariam o desenvolvimento. Observamos, durante o trabalho que, as abordagens mais populares

contemporaneamente (localistas) têm abandonado a perspectiva crítica da sociedade, retornando ao conceito de comunidade, construída por atores e agentes, e não classes sociais, que compartilhariam suas ações pelos valores da auto-identidade e do pertencimento de comunas, para nós cidades, mais do que pelo interesse de classes.

Durante a pesquisa discutimos a cerca de um processo decorrente pós a instituição da Constituição em 1988, quando o Brasil tentava se adaptar aos modelos internacionais e modernos de políticas públicas e planejamento urbano. Com a Constituição haveria maior possibilidade de interação entre as escalas locais e globais, o que acarretou em uma maior liberdade para que os municípios competissem no mercado internacional, argumentos fundados nos que apostam nas identidades locais, no patriotismo e no regionalismo como fontes do desenvolvimento.

Observamos que na cidade de Nova Friburgo, especificamente, foi adotada uma política de Estado, fundada na identidade local (industrial/têxtil) na potencialidade que foi atribuída àquela região. A cidade se tornou um arranjo produtivo local baseado no modelo de desenvolvimento do norte da Itália, em que as cidades se especializaram naquilo que têm por “tradição”, no caso italiano, relógios, roupas de frio, cristais etc. Devido a esta política que vai de encontro à especialização da cidade na confecção de moda íntima vimos que algumas atividades antigas da cidade foram deixadas de lado, como a metal-mecânica, indústria de couros; inclusive algumas das indústrias tradicionais da cidade decretaram falência, como a Ypú (couros) e a Tinken, esta última fornecia o câmbio dos volantes para Volkswagem.

Diferente daquilo que havia sido premeditado pelos defensores do modelo de desenvolvimento local, a cidade cresce em suas desigualdades. A irregularidade no trabalho aumenta, a cidade se urbaniza mais rápido e sem qualquer planejamento, e conseqüentemente se intensificam as implicações econômicas, sociais e ambientais. A cidade enfrenta problemas relacionados à moradia, ao esgotamento sanitário, a saúde e ao transporte. Destacamos a seguir alguns pontos que consideramos importantes da pesquisa.

No primeiro capítulo vimos que o modelo de Arranjo Produtivo Local é a principal política pública estabelecida pelo Governo Federal nos últimos 20 anos para a cidade de Nova Friburgo, modelo baseado nas experiências do Norte da Itália, os sistemas industriais locais, ou SILs. Na pesquisa foi realizada uma análise crítica do modelo de desenvolvimento local e como ele reestruturou a produção e reprodução do espaço na cidade de Nova Friburgo. Isso nos ajudou no entendimento da realidade empírica do espaço, analisado revelando as estruturas de poder e a complexidade do cotidiano na atualidade. Para nós a expressão sistemas industriais locais é baseado em um conjunto de bibliografias que surgem a partir de a década de 90, denominada de *cluster industrial*, baseado nos modelos de desenvolvimento local do norte da Itália. Podemos classifica-los como um distrito industrial, aglomeração ou agrupamento de empresas industriais com concentração setorial, arranjos produtivos locais, arranjos inovativos locais etc. A palavra “sistema” é utilizada com conotação abrangente que adquire uma linguagem corrente quando se refere a um agrupamento de atividades econômicas e funções com algum grau de similitude, no caso tecnológico, e convergente no propósito, ainda que sem apresentar um alto grau de articulação entre as partes.

Ainda neste capítulo foi realizada uma apreciação da formação do espaço urbano da cidade, que prevê a análise da realidade descrita, sem fecha-la totalmente, isto é, deverão ser consideradas as contradições internas e as possibilidades de transformação, para isso foi realizada uma reflexão crítica entre a relação da sociedade e natureza, que se materializa no espaço, assim como sobre o conceito de desenvolvimento, tendo em vista superar o reducionismo que se encontra a natureza na modernidade e, estabelecendo que esta relação é fundamental para se criar representações. Para nós, natureza e a sociedade são inseparáveis e estão em processo coevolutivo.

Também identificamos o sítio físico em que se desenvolveu o processo de urbanização do município, pois é necessário associar os elementos físicos aos elementos sociais, entendendo que estes se relacionam em diversas escalas e de múltiplas maneiras, assim, partimos do pressuposto que seja necessária a descrição parcial do que compõe os elementos físicos do espaço em que a cidade se estruturou.

Foi necessário fazer um reconhecimento do sítio em que a cidade de Nova Friburgo está inserida, pois é nele que estes processos se desenrolam e se materializam. Discutimos acerca respeito do conceito de paisagem, este conceito foi relevante, pois se o analisarmos a partir de um ponto de vista crítico podemos estabelecer os processos que resultaram na configuração territorial atual da cidade. Por isso, não pensamos em um conceito de paisagem estático (como já foi muito trabalhado pela geografia), mas sim pensa-lo como resultado de um movimento, um processo contínuo de transformação em que vários agentes sociais estão envolvidos, subordinados e ativos.

No segundo capítulo foi realizada uma crítica analítica-regressiva da forma em que a cidade se estruturou no passado, que previu a análise da realidade histórica descrita, sem fecha-la totalmente, isto é, deverão ser consideradas as contradições e as possibilidades. Assim mostramos o processo de colonização do município, criando uma cultura singular, complexa e articulada em diversas escalas. Também foi analisado o modelo de desenvolvimento fordista, criticando a fragmentação do pensamento e a especialização do conhecimento. Apesar de o modelo fordista ter sido muito incipiente no Brasil, em Nova Friburgo se fez presente intensamente devido à chegada dos colonos alemães no município no início do século XIX o que influenciou na sua forma de ocupação e urbanização.

No terceiro e último capítulo tivemos como objetivo reencontrar o presente já descrito, retomando as modificações que a estrutura nos apresenta, ou seja, a fase regressiva – progressiva do processo de pesquisa lefebvreano. Trata-se do momento que foi buscada a gênese da formação das estruturas, apontando um marco geral de transformação, sem perder de vista, o processo conjunto. Investigou-se o movimento do espaço da cidade em sua atualidade, entendendo o espaço como meio, produto e condição da reprodução das relações de produção, e consequentemente, da vida cotidiana.

Para isso foi feita uma análise crítica do modelo de desenvolvimento local. Isso possibilitou o entendimento da realidade empírica da cidade revelando a complexidade de seu cotidiano em sua atualidade, pois consideramos o modelo de Arranjo Produtivo Local como principal política pública estabelecida pelo Governo Federal nos últimos 20 anos para Nova Friburgo. Assim, relacionamos

este modelo à forma de produção do espaço e propondo um entendimento aberto para a busca de uma transformação das formas de produção e reprodução da sociedade.

Além disso, foi realizada uma previsão futura para o município. Não foi feita nenhum planejamento estratégico, porém uma análise crítica, sugerindo outras formas de ocupação e uso dos recursos municipais em que tenhamos como preocupação principal as diversas sustentabilidades que podem ser desenvolvidas juntamente com o cotidiano e, conseqüentemente, as experiências vividas dos indivíduos da cidade.

Durante o trabalho podemos perceber que o interesse por tais estudos (voltados para a o saber fazer, aproveitando aquilo que alguns estudiosos definem como “potencialidades”) chama a atenção para o fato de que, as condições que favoreceriam a industrialização de pequena escala estão ancoradas em estruturas baseadas em relações de familiaridade, etnicidade ou religiosidade, e as mesmas, eram consideradas como obstáculos para o surgimento e expansão da produção moderna, e conseqüentemente obstáculos ao processo de modernização e desenvolvimento, isto é, de cunho fordista, dentro da estrutura de pensamento positivo, progressista e linear. Porém, na contemporaneidade, essas características parecem constituir “vantagens” para a geração de formas propulsoras de um desenvolvimento localizado e territorializado, voltado para o gerenciamento local a partir de governanças e associações.

Neste processo observamos que o capitalismo aperfeiçoou e apurou seus instrumentos de ação, aprendeu ainda a mobilizar as heterogeneidades e diversidades (forças sociais, históricas, culturas e geografias), que eram vistas como dispersas, porém ele estabelece coerência e organização. Neste sentido, o capitalismo refinou a capacidade de ser transescalar, isto é, utilizar a escala nacional, regionais e locais em seu próprio benefício, ou seja, o ganho rápido e sem constrangimento. Acreditamos que se há ao mesmo tempo do melhoramento da ação do sistema, é preciso que quem se preocupe em melhora-lo e transforma-lo, deva fazer o mesmo: aprimorar a sua capacidade de promover ações em diversas escalas, indo desde a governança, à população e ao poder local. Neste contexto as ações políticas devem ser mais ágeis, potentes e sistemáticas e devem

ser empreendidas simultaneamente em várias direções escalares. Ainda acreditamos que um dos caminhos seja o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem para engendrar uma nova forma de ação rompendo as visões compartimentadas e as falsas dicotomias: entre o econômico e o político; o político e o social; entre a produção e cidadania; e assim por diante.

Por pressuposto, o neoliberalismo é entendido como uma teoria econômica, porém na realidade durante esta pesquisa tivemos como intenção desconstruir essa visão, o compreendendo como um discurso hegemônico de modelo civilizatório, isto é, como uma extraordinária síntese dos pressupostos e valores da sociedade liberal e moderna no que diz em respeito ao homem, ao cotidiano, à riqueza, à natureza, à história, ao processo, ao conhecimento, e àquilo que estes pressupostos definem como qualidade de vida. A expansão do modelo de desenvolvimento local no Brasil e no mundo é o exemplo empírico da expansão das políticas neoliberais hoje e a cidade de Nova Friburgo torna-se nesse sentido um protótipo da expansão destes pressupostos.

Tal construção tem como pressuposição básica o caráter universal da experiência europeia. Ao se construir a noção de universalidade a partir da experiência particular (ou paroquial) da história europeia e realizar a leitura da totalidade do tempo e do espaço da experiência humana do ponto de vista dessa particularidade, institui-se uma universalidade altamente excludente. Talvez tenha sido este processo que contribuiu significativamente para a forma de urbanização de países periféricos e colonizados, como o caso do Brasil. A forma de urbanização e as materialidades que aqui foram construídas uma reprodução dos modelos e formas que eram adotadas pelo arquétipo civilizatório europeu, e mais contemporaneamente norte americano. Mas a urbanização e as materialidades não são as únicas coisas que sofrem influência desses modelos civilizatórios, as práticas espaciais também são reproduzidas nas periferias do mundo capitalista. Este universalismo é encontrado na filosofia e na história. Como vimos Hegel (1976) é um dos filósofos que reproduz esse processo sistemático de exclusões.

Como analisamos durante a pesquisa podemos concluir que o processo de desenvolvimento desigual do espaço gera diversas desigualdades na cidade e no espaço como um todo, que por sua vez podem vir a influenciar as áreas mais

atingidas por processo intempéricos. Porém, sabemos que as chuvas na cidade de Friburgo foram abruptas e em uma pequena escala de tempo, afetando a cidade como um todo. Bairros mais pobres e com menor aparato urbano foram tão afetados quanto bairros ricos da cidade, mas foram mais afetados pela natureza do seu processo de urbanização. O que observamos é que as políticas públicas para a recuperação e conservação das áreas impactadas foram maiores em bairros nobres em comparação aos bairros mais carentes, o que apoia a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Há a necessidade por parte de o Ministério Público observar mais as partes carentes de infraestrutura em Nova Friburgo, para que haja um desenvolvimento socioespacial mais justo que aumente os direitos à cidade. O problema das chuvas está relacionado à uma concepção social, econômica e histórica do processo de acumulação do capital, e da expansão de territórios e apropriação pelo capitalismo da natureza.

Portanto, Lefebvre (1978) mostra como o crescimento quantitativo da produção industrial (transformação da natureza primeira) produziu um fenômeno qualitativo que se traduz ele próprio, por uma nova problemática: a problemática urbana. E o urbano neste sentido é um continente que se descobre e que se explora em medida que ele é construído. A cidade de Nova Friburgo é um exemplo desse processo de construção da sociedade urbana, pois se encontra em um movimento perpétuo de transformação, e não somente a cidade, porém o espaço como um todo. Lefebvre (2000) acredita que a sociedade urbana é aquela que nasce da industrialização (e expansão das concepções da modernidade e do capitalismo introduzindo novas formas de apropriação), absorvendo a sociedade agrícola a partir do desenvolvimento de técnicas que manipulam e se apropriam da natureza, transformando-a. As técnicas são acumuladas a partir do tempo, cada tempo gera uma paisagem diferenciada, a combinação entre a natureza e o acúmulo de tempos (materialidades construídas pelos homens) formam diferentes paisagens. A cidade de Nova Friburgo é um exemplo desses diferentes tempos. O primeiro ligado ao capitalismo fordista e o segundo ligado ao caráter do capitalismo em sua contemporaneidade, vinculado à flexibilização da produção e do trabalho, as formas permanecem, porém as funções se adaptam ao interesse do capital financeiro e conseqüentemente das classes dominantes. O arranjo produtivo local da cidade de Nova Friburgo é a manifestação mais recente do capitalismo na

cidade e influencia direto e indiretamente no cotidiano de seus habitantes. Porém é um processo ainda inacabado, ainda é necessário mais investigação e pesquisa para entender as bases em que foi estruturado e como ele se manifesta no espaço e, portanto na cidade.

Logo, concluímos que o espaço urbano de Nova Friburgo vem sendo reestruturado a partir de políticas públicas ligadas às teorias de desenvolvimento local, esse processo é recorrente principalmente nos últimos vinte anos e está ligado às manifestações mais recente do capitalismo no mundo, um processo de transição do capitalismo fordista para acumulação flexível, entretanto observamos que este processo não é completamente acabado. Algumas industriais de cunho fordista e taylorista permanecem na cidade, como por exemplo, a indústria metal mecânica, sendo importante empregadora; a modernidade permite a convivência de diferentes formas de produção quando interessante para o capital. Portanto, para nós, o urbano neste sentido é um objeto que se constrói e que se descobre na medida em que o tempo dos processos se desenrola e o homem os observa, decodifica e apreende. Portanto, Nova Friburgo, como um espaço urbano está em totalização e sempre se transformando e inacabado, é necessária uma investigação contínua, aberta e crítica para que assim possamos entender melhor como as muitas variáveis ligadas a manifestação do urbano e da modernidade se materializam no espaço e principalmente na cidade, investigando o processo de produção e reprodução das relações de produção que trazem desenvolvimento e desigualdades ao espaço.